



PENSAMENTO PEDAGÓGICO RENOVADOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO DISCURSO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alvaro Rego Millen Neto
Ulysses Vitorino dos Santos
Diego Luz Moura
Universidade Gama Filho – Brasil

Antonio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Gama Filho – Brasil
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: O artigo tem como objetivo verificar a apropriação que professores de Educação Física têm do chamado Pensamento Pedagógico Renovador da Educação Física. Para tal, realizou-se uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com sete professores lotados em escolas estaduais do município de Barra Mansa (RJ). A análise temática dos relatos, comparada com dados de outros estudos, permite-nos as seguintes considerações: os professores não apresentaram em seus discursos elementos que pudessem demonstrar apropriações dos referenciais renovadores; o conteúdo central de suas aulas é o esporte, seguindo os códigos do modelo do alto rendimento; comparados com pesquisas semelhantes de períodos anteriores, os dados não apontaram para uma apropriação mais expressiva dos ideais pedagógicos renovadores.

Palavras-chave: Educação Física; tendências pedagógicas; políticas públicas.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de demarcar o campo de intervenção da Educação Física na escola, os intelectuais aqueceram o debate sobre o papel e a legitimidade dela no currículo escolar. Podemos datar o início dessas discussões a partir do final da década de 1970. Nesse contexto, núcleos de produção de conhecimento, impulsionados pela inauguração dos primeiros programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física no Brasil, passaram a refletir criticamente sobre o tipo de conhecimento, propostas e objetivos da Educação Física escolar. Desde então, o campo acadêmico da Educação Física passou a conviver com uma série de proposições pedagógicas que sugeriam rupturas com a chamada Educação Física tradicional – nomeada de tecnicista ou esportivizante. O foco das críticas era a supervalorização da aptidão física e a incorporação do modelo esportivo de alto rendimento para a escola. De certa forma, esse era um lugar-comum das críticas nesse período. Diante das críticas, emergiram novas concepções pedagógicas que denunciavam os reducionismos das percepções vinculadas exclusivamente ao trabalho motor e às práticas corporais padronizadas, as quais, segundo seus formuladores, fragmentavam a compreensão sobre o ser humano.

Esse conjunto de propostas, que buscaram romper com os pressupostos didático-pedagógicos tradicionais, foi classificado como Pensamento Pedagógico Renovador da Educação Física (PPREF) (RESENDE, 1992).

Com o transcorrer das décadas de 1980 e 1990, o PPREF tornou-se a concepção predominante no debate acadêmico da Educação Física. No entanto, estudos têm demonstrado que o debate que circula no meio acadêmico não tem, necessariamente, acompanhado as ações dos professores no cotidiano escolar. Muniz (1996) apontou que os pressupostos e conceitos vinculados ao PPREF não haviam sido apropriados pelos professores de Ensino Médio em Niterói (RJ). Concluiu que esse distanciamento estaria vinculado à falta de condições, desinteresse, divergência de ideias ou pela dificuldade de operacionalização em sua prática pedagógica.

Em estudo semelhante, Millen Neto (2003) analisou as perspectivas do PPREF nas políticas públicas e na prática docente de professores de Educação Física do município de Pinheiral (RJ). Os dados apontaram para uma apropriação mais expressiva dos conceitos e das ideias vinculadas ao PPREF; contudo, a prática pedagógica desses professores encontrava-se distante da renovação idealizada pelas diferentes vertentes do movimento. Como as políticas públicas do município implementavam e incentivam a participação em jogos estudantis, parte dos professores investigados relatou que transformaram, nem sempre a contento, suas aulas em treinamento esportivo para participação dos jogos. Observe que ser bom professor de Educação Física em Pinheiral significava ter equipes com bom desempenho nesses eventos.

Outra pesquisa importante, para a problemática com a qual lidamos no artigo em tela, foi desenvolvida por Azevedo e Shigunov (2002) e tratou do agir pedagógico dos professores de Educação Física no Ensino Técnico Federal do Rio Grande do Sul. Os autores também trabalham com a tese, por eles considerada consensual, de que as mudanças ocorridas nas últimas décadas na Educação Física brasileira (o PPREF) restringiram-se ao campo acadêmico e, portanto, não atingiram o seu agir pedagógico. No caso específico do Ensino Técnico Federal, houve uma reconfiguração no agir pedagógico, mas não em compasso com o PPREF. Parte considerável dessas instituições passou a adotar o sistema de aulas por modalidades esportivas, no qual a adesão dos alunos se dá a partir de seus interesses específicos. Para essa estrutura de aula, prevaleceria o que Azevedo e Shigunov (2002) consideram ser um paradigma referendado pelas *atividades físicas*, preocupado com um estilo de vida mais ativo e saudável e, de certo modo, análogo ao que Soares et al. (1992) tratam como *aptidão física* – o paradigma a ser superado.

Passados anos das supracitadas investigações, consideramos pertinente a realização de mais uma análise, a fim de detectar possíveis progressos ou retrocessos com relação à apropriação e operacionalização do PPREF, assim como traçar comparações entre os estudos. Nesse sentido, esta investigação se propôs a verificar a inserção do PPREF no discurso dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, no município de Barra Mansa (RJ).

Desse modo, o estudo teve como objetivo verificar se os pressupostos teóricos e didático-pedagógicos do PPREF estão presentes no discurso desses professores. Para verificarmos tal inserção, procuramos especificamente: 1. identificar os meios de atualização pedagógica dos professores; 2. verificar se os professores, que atuam em escolas da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, têm acesso à produção acadêmica do PPREF; 3. analisar a opinião dos professores sobre sua prática pedagógica; 4. analisar a avaliação que fazem sobre o PPREF.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa de campo de caráter comparativo, natureza qualitativa e exploratória. Como instrumento de investigação, replicamos o roteiro de entrevistas semiestruturadas proposto por Muniz (1996) e também utilizado por Millen Neto (2003). Os professores entrevistados estão lotados em escolas pertencentes à Coordenadoria Regional da Região do Médio Paraíba II, da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, delimitados ao município de Barra Mansa. Tais professores foram escolhidos por meio da técnica “bola de neve” (NICOLACI-DA-COSTA, 2007), isto é, a um primeiro docente entrevistado pedimos que indicasse outro colega, e assim sucessivamente. A amostra foi definida quando identificamos que

as respostas às questões pararam de variar e tornaram-se repetitivas. Ao entrevistarmos o sétimo professor, optamos por encerrar o levantamento de dados, na medida em que os temas entraram em saturação. Todavia, a estratégia de chegar aos entrevistados por meio dessa técnica acabou por não controlar as características deles. De tal modo que prevaleceu, na população de professores entrevistados, uma característica não esperada: todos pertenciam praticamente à mesma geração, em termos de formação no nível de graduação. Como não há uma cultura de formação continuada no município investigado, essa característica dos entrevistados impôs uma limitação na representatividade dos dados apresentados. Por último, analisamos e discutimos todos os dados obtidos na pesquisa, confrontando-os com dados de pesquisas anteriores.

Para dar conta da análise e interpretação dos dados, utilizamos o método da análise do conteúdo. A intenção foi buscar nos acordos e desacordos das informações a ausência ou presença de núcleos de sentido relacionados aos princípios conceituais e didático-pedagógicos da Educação Física. Identificando tais núcleos de sentido, buscamos analisar até que ponto os discursos dos professores apresentavam marcas das propostas do PPREF.

O roteiro de entrevista (MUNIZ, 1996) foi dividido em dois blocos temáticos: 1. experiência de vida relacionada à Educação Física, levantando os motivos da opção profissional; e 2. presença dos princípios e fundamentos que caracterizam o PPREF nas opiniões que os professores têm em relação à sua prática pedagógica, bem como no processo de formação profissional, nos objetivos de suas aulas e na estruturação delas. Verificaremos, por último, a relação entre o professor e o PPREF.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentaremos, de forma sintética, alguns livros representativos do PPREF e algumas de suas características que nos serviram de referencial, a fim de dar sustentação à análise do conteúdo discursivo dos entrevistados. Tomaremos como base o referencial teórico elaborado por Muniz (1996) e, assim como ela, acreditamos que, apesar de o hábito da leitura não fazer parte da cultura do povo brasileiro e que, ainda que acreditemos que o consumo cultural possa ser baixo entre os docentes, o livro seja o principal meio de veiculação do PPREF entre os professores de Educação Física no Brasil.

Em uma das primeiras referências em crítica ao modelo esportivizante de Educação Física, Medina (1983) questionou a educação que privilegia aspectos que levam a uma visão fragmentada do corpo. A ideia central do livro é uma retórica de crise para a Educação Física. Segundo o autor, a Educação Física precisaria entrar em crise a fim de superar seus problemas, dentre os quais se destaca a questão da fragmentação do corpo, do dualismo corpo e alma ou corpo e mente. Essa visão do homem acaba conferindo à Educação Física a responsabilidade de educar o corpo biologizado ou corpo máquina, entendendo-o como algo fragmentado e coisificado. Para superar esse entendimento, Medina lança mão da teoria de Paulo Freire, que distingue três níveis de consciência em relação às possibilidades que as pessoas têm de interpretar e atuar no mundo: a consciência intransitiva, a consciência transitiva ingênua e a consciência transitiva crítica.

Outra obra de grande repercussão acadêmica no transcorrer dos anos 1980 foi a de Oliveira (1985). Esse autor trabalhou com duas tendências opostas da psicologia da educação: o comportamentalismo de Skinner e o humanismo de Rogers. Partindo da premissa da teoria humanista de Rogers, em que o relacionamento entre aluno e professor é facilitador da aprendizagem, Oliveira (1985) demonstra sua preocupação com a Educação Física, denunciando a limitação e os aspectos negativos da aplicação da teoria comportamentalista, personificados nos modelos de aula que priorizam unicamente a técnica esportiva e a aptidão física.

Considerado até hoje uma das principais obras voltadas para a Educação Física escolar no Brasil, o livro *Metodologia do ensino de Educação Física*, de autoria coletiva (SOARES et al., 1992), se propôs a construir uma teoria pedagógica e a elaborar programas específicos para cada um dos graus de ensino. Lançando bases para a sua proposta conceitual, o livro tem seu marco teórico referendado por uma orientação pedagógica mar-

xista. Nesse sentido, parte da premissa básica de que a sociedade brasileira segue o modelo capitalista e, portanto, é composta por diferentes classes sociais. E tais classes possuem interesses distintos e antagônicos. Sob tal óptica, é impossível estabelecer uma pedagogia que sustente os interesses dessas duas classes sociais. No entendimento dos autores, a Educação Física precisaria romper com o paradigma da aptidão física e se inserir nos projetos político-pedagógicos como um dos componentes do eixo curricular. Desse modo, o novo paradigma preconizado pelos autores entende a Educação Física como uma disciplina escolar que é responsável pela reflexão acerca dos temas da *cultura corporal*, que seriam os jogos, os esportes, as danças, as ginásticas, as lutas, a capoeira e outras formas de expressão corporal.

João Batista Freire (1989), outro autor importante para o PPREF, critica a forma com que a escola sempre ignorou o papel educativo dos jogos e das brincadeiras para a educação infantil. Referenciando-se em autores como Piaget e Vygotsky, por isso associado ao construtivismo educacional, leva em conta aquilo que o aluno traz consigo, o conhecimento que ele já possui e, a partir daí, resgata toda a cultura de jogos e brincadeiras. Essa cultura é, então, envolvida no processo de ensino-aprendizagem.

Com expressiva repercussão no campo acadêmico da Educação Física brasileira, o livro de Tani et al. (1988) lançou bases científicas para uma abordagem desenvolvimentista. Tal proposta embasou os professores de Educação Física para organizarem suas aulas de uma forma adequada às etapas de desenvolvimento motor da criança. A ideia é oferecer atividades adequadas a cada faixa etária e não pular etapas. Essas atividades devem ir das mais simples às mais complexas, devem obedecer a uma sequência de habilidades básicas que podem ser classificadas em habilidades locomotoras (andar, correr e saltar), manipulativas (arremessar, chutar e rebater), de estabilização (girar, rolar), habilidades específicas, que são influenciadas pela cultura e relacionam-se à prática esportiva, da dança e do jogo.

Kunz (1994) propõe aprimorar a liberdade e os níveis de raciocínio crítico e autônomo dos alunos. O fundamento de sua proposta de Educação Física escolar crítico-emancipatória – como as elaborações teórico-metodológicas de Kunz ficaram conhecidas – é a desmistificação dos componentes da cultura corporal de movimento, por meio da transmissão de conhecimentos que permitam aos alunos compreendê-los dentro de contextos sociais, econômicos e políticos. Tais conhecimentos teriam de ser ensinados mediante uma lógica, uma sequência de estratégia, denominada transcendência de limites. Essa sequência apresenta as seguintes etapas: encenação, problematização, ampliação e reconstrução coletiva do conhecimento. Destina-se à emancipação, autonomia e transcendência dos alunos em face do conteúdo trabalhado.

Encerramos essa descrição das obras representativas do PPREF sem ter a pretensão de ter esgotado a lista de autores importantes para o movimento. Uma investidora assim tomaria mais espaço do que essa publicação permitiria. Desse modo, optamos por nos restringir aos autores supracitados, os mesmos que foram visitados por Muniz (1996) e Millen Neto (2003). Isso posto, passaremos à análise de como os professores entrevistados apresentaram seus discursos em relação ao PPREF.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Experiências de vida relacionadas à Educação Física

Como primeiro foco de investigação, buscamos identificar os motivos que levaram os professores a optarem pelo curso de Educação Física, caracterizar os motivos que os levaram a ingressar na área escolar e por que eles permanecem nesse campo de atuação profissional.

Motivos da opção profissional e engajamento profissional

Os dados coletados permitem inferir que a opção de formação profissional dos professores investigados concentra-se nas experiências que eles tiveram como praticantes de alguma modalidade esportiva ou algum

tipo de atividade física, ao gosto pelo esporte em geral e pela influência de seus professores de Educação Física na educação básica. Pudemos evidenciar isso pelo recorte de algumas falas dos entrevistados: “[...] já trabalhava com treinamento de voleibol e foi até influência de alguns professores” (Entrevistado 1); “[...] porque eu gostava de vôlei [...] então aos dez anos de idade eu comecei a praticar, daí surgiu meu interesse” (Entrevistado 2).

Nenhum dos entrevistados declarou que a predisposição para trabalhar na educação básica foi preponderante na opção que tiveram pelo curso de Educação Física. Essas informações vêm reforçar o que estudos anteriores (MONTENEGRO apud MUNIZ, 1996; SANTOS apud MUNIZ, 1996) já haviam constatado, que os principais motivos da opção pela Educação Física estavam relacionados com as experiências anteriores como atletas ou praticantes de alguma modalidade esportiva. De certa forma, as biografias dos professores talvez expliquem suas representações e opções de perspectiva de ensino.

A partir da identificação do não interesse deliberado pela atuação profissional na educação básica, procuramos localizar quais foram os motivos que levaram esse grupo de professores a mudar seus interesses e/ou necessidades e ingressar na área escolar. Tais motivos se dividiram em dois grupos: ocasional, quando não partiu da vontade original dos entrevistados, mas sofreu influências externas ou foi oriunda de oportunidade imediata de emprego; e intencional, quando a possibilidade de engajamento na escola era a primeira opção, a opção idealizada pela profissão, uma escolha planejada e amadurecida. Podemos apontar que a escola não estava em primeiro plano como possibilidade de atuação profissional para a maioria dos entrevistados.

Dois dos professores entrevistados chegaram a afirmar que suas intenções sempre foram de trabalhar em escola. O Entrevistado 1 já trabalhava com voleibol antes mesmo de ingressar na faculdade e foi parar na escola para realizar treinamento dessa modalidade, como podemos ver no recorte de sua entrevista: “[...] fui pra escola através de treinamento pra dar treinamento e surgiu a oportunidade de trabalhar com turmas de Educação Física dentro dessa escola [...] mas já tinha vontade de trabalhar...” (Entrevistado 1). A fala desse entrevistado denota que o motivo que o levou para o curso de Educação Física foi o fato de que ele já trabalhava com treinamento de voleibol durante o curso de Educação Física, o que o levou a se engajar e tomar gosto com a educação básica.

O Entrevistado 2 relata que as portas abertas para ele foram as da escola pública e que esse foi o caminho imediato para conseguir um emprego. Porém, de acordo com seu relato, não é esse o campo de atuação com o qual gostaria de trabalhar: “[...] eu escolhi a escola, me identifiquei com a escola [...], mas se eu pudesse escolher seria a ginástica” (Entrevistado 2). Aqui temos a clara racionalização que as oportunidades moldaram o gosto e a opção de ação; todavia, o entrevistado indica que, se ele pudesse escolher, trabalharia com ginástica fora da escola.

Inferimos que os professores entrevistados não escolheram a escola como local para atuarem depois de formados, mas assumiram esse compromisso profissional uma vez que o mercado escolar oferece mais vagas no serviço público e a consequente estabilidade. A estabilidade funcional do servidor público é um dos maiores atrativos e está vinculada à ideologia da segurança no emprego, mesmo que os salários não sejam muito atrativos. Esses aspectos práticos tiveram muito mais peso do que ideais, sonhos e expectativas. Dos sete entrevistados, dois revelaram sua intenção de sair da escola e trabalhar em outro campo de atuação da Educação Física; todavia, como vimos, esse tipo de intenção nem sempre se traduz em ação pelos riscos que a envolve.

Influência dos fundamentos identificados com o PPREF

Neste núcleo temático, procuramos identificar os conceitos relacionados com a educação e a Educação Física presentes nos discursos dos entrevistados. Procuramos saber quais os meios que esses profissionais utilizam para se atualizarem e também o que no discurso deles revela conhecimento ou marcas discursivas do PPREF. Os relatos nos possibilitaram a descrição de como o PPREF é apropriado pelos professores em seus discursos e práticas.

O processo de formação profissional

Buscamos identificar aspectos conceituais marcantes, durante seu processo de formação, que pudessem influenciar sua intervenção pedagógica na prática escolar, tais como professores, livros ou algum outro que viesse a exercer alguma influência no sentido de veicular pressupostos pedagógicos. Desses, a figura do professor aparece, na fala da maioria dos entrevistados, como fator que influenciou o processo de formação. Apenas dois entrevistados mencionaram livros em suas respostas: “[...] que eu tenho me lembrado recentemente tem o Coletânea de Autores [Coletivo de Autores] tem é... Educação Física cuida de corpo e mente” (Entrevistado 2); “[...] eu li Le Bouch né, um psicomotor, achei muito bacana o livro antigo, mas que até hoje eu consulto é... livros de... jogos... cooperativos...” (Entrevistado 3).

Não encontramos, contudo, vestígios das características das tendências representadas por essas obras quando questionamos sobre os objetivos e estruturação de suas aulas. Apenas o Entrevistado 2 mencionou fazer cursos nas próprias escolas e em universidades públicas. Um entrevistado disse se atualizar por meio de internet; outro diz atualizar-se assistindo a mostras de dança.

Objetivo das aulas de Educação Física

No que se refere ao objetivo das aulas, o que prevaleceu foi o ensino do conteúdo esportivo. Não podemos negar que o esporte é o conteúdo da cultura corporal mais difundido na cultura ocidental. É natural e profícuo, portanto, que ele se torne um dos componentes curriculares da Educação Física. O problema surge quando o esporte torna-se o único conteúdo da Educação Física. Quando os professores comentam sobre seus objetivos, falam: “[...] a gente trabalha na escola com conteúdos assim mais ligados ao esporte” (Entrevistado 4). “[...] objetivo... é... bom além da prática esportiva é a conduta né, a conduta do aluno” (Entrevistado 5).

Não foram identificados em nenhum dos depoimentos traços consistentes das abordagens renovadoras em relação ao objetivo das aulas de Educação Física nem em relação ao tratamento pedagógico do esporte a partir dessas concepções de ensino. Na fala do Entrevistado 3, apesar de aparecer Le Bouch como uma leitura que marcou o processo de formação, não é detectada nenhuma característica da abordagem psicocinética nos objetivos de suas aulas. O Entrevistado 6 diz trabalhar a coordenação motora e o raciocínio rápido, mas, ao analisarmos o seu depoimento de uma forma geral, não percebemos nenhum vínculo com os pressupostos da psicomotricidade. O Entrevistado 4 relata trabalhar com conteúdos relacionados com o desenvolvimento humano, mas nada aparece em seu discurso referente à abordagem desenvolvimentista. Observemos que a representação das aulas desses professores pode ser positiva para seus alunos; todavia, o que estamos marcando é que o discurso contemporâneo da Educação Física escolar não foi apropriado pelos entrevistados.

O esporte está presente no discurso de todos os entrevistados quando questionados sobre os objetivos de suas aulas. Talvez porque seja o conteúdo de maior impacto na vida das crianças e dos jovens e por possuírem mais facilidade de ensino para os próprios professores, como atestam suas biografias. Contudo, trabalhar o conteúdo esporte não implica necessariamente assumir uma postura renovadora ou tradicional, pois um professor pode trabalhar o esporte em suas aulas de forma tradicional tecnicista, apenas transplantando o modelo esportivo de alto rendimento para o meio escolar, ou, em contraposição, pode agir de forma renovada, recriando códigos para que o esporte ganhe características pedagógicas mais interessantes.

Estruturação das aulas

Ao considerarmos a estruturação das aulas dos professores investigados, buscamos identificar traços de abordagens renovadoras ou tradicionais. Dois entrevistados (Entrevistados 3 e 5) demonstraram em seus discursos formas híbridas de trabalhar, ou seja, em determinada parte da aula, assumem uma postura embasada em uma pedagogia tradicional e, em outra parte, uma postura que pode ser mais próxima das pedagogias renovadoras. Como podemos constatar: “a gente costuma começar com alongamento, depende muito da

atividade [...] faz um alongamento e a prática de algum desporto. Se é, por exemplo, uma dança folclórica, a gente começa com uma conversa explicando o porquê daquela dança folclórica, de onde ela vem” (Entrevistado 3); [...] primeiro eu começo, eu converso com meus alunos, eu gosto de conversar com meus alunos, de sentar, bater um papo com eles, perguntar como foi o dia, como eles estão [...] porque as vezes o aluno não está se sentindo bem [...] isso tudo é uma parte emocional dos alunos, então você conversa com eles. Não é só chegar e vão, vão, vão lá fazer. Não! Vamos conversar pelo menos uns cinco minutos, vai fazer a chamada, cumprimentar os alunos, é importante cumprimentar (Entrevistado 5).

Na sequência do depoimento, o entrevistado deixa sinais de uma postura tradicional do ensino da Educação Física: “[...] tem o alongamento, uma atividade após uma aeróbica, uma corrida e o esporte. O encerramento também a volta à calma, aí você faz a volta à calma” (Entrevistado 5). Ao expor o modo como tratar os alunos, com conversa, apoio, interesse, o Entrevistado 5 revela traços da abordagem humanista (OLIVEIRA, 1985), porém a estrutura de sua aula é baseada em uma metodologia tradicional, sistematizada em alongamentos, exercícios aeróbicos, o esporte e a volta à calma. Os outros entrevistados não demonstraram uma estrutura clara e contínua de suas aulas. Ao ser questionado a respeito sobre qual forma de Educação Física não concorda, o Entrevistado 1 diz não concordar com a forma tradicional, porém concebe como tradicional as aulas baseadas única e exclusivamente no futsal e na queimada.

Como podemos perceber, desde seu processo de formação até a estruturação de suas aulas, os professores não demonstraram um conhecimento sistematizado a respeito do PPREF. Nenhuma influência direta durante a formação e atuação profissional embasou seus ideais. Em relação à organização, estruturação e aplicação das aulas, poucos elementos foram detectados.

O professor e sua relação com o PPREF

Levantamos se a fala dos entrevistados apresentava associações com o PPREF. Perguntamos se tinham conhecimento da produção acadêmica contemporânea da área. Os indícios revelam que não houve uma apropriação planejada e intencional dos pressupostos renovadores. A maior parte dos professores entrevistados não demonstrou saber sobre a literatura especializada. Apenas dois entrevistados indicaram leituras identificadas com o PPREF (Entrevistados 2 e 3), e desses, apenas o Entrevistado 2 demonstrou conhecer, ainda que superficialmente, pressupostos do PPREF. Entre os demais entrevistados, apenas um, apesar de não ter mencionado leitura alguma, deixou transparecer em seus objetivos e na estruturação de suas aulas vestígios de uma abordagem humanista (OLIVEIRA, 1985).

Ao analisarmos o discurso do Entrevistado 1, percebemos que, embora afirme conhecer o PPREF, possui dificuldade em argumentar sobre as propostas do movimento, como podemos observar: “Conheço. Eu acho que são concepções, boas concepções que:... só que em alguns momentos é:... a parte teórica é difícil de ser aplicada na prática existe um pouco de:... me parece que quem escreveu algumas coisas é não tem uma experiência em sala de aula. Então no papel fica muito bonito, mas na prática não é tão fácil assim de se aplicar” (Entrevistado 1).

Podemos ver nessa fala o embate entre teoria e prática ou entre as concepções teóricas e o cotidiano escolar. Poder-se-ia perguntar após tantos anos de desenvolvimento do PPREF qual o seu impacto na mudança da qualidade das aulas de Educação Física no cotidiano da escola. Se os resultados desse estudo pudessem ser generalizados, teríamos uma questão crucial para o campo da Educação Física escolar: se as concepções renovadoras não atingem o discurso dos professores, onde está a ruptura propalada pelos porta-vozes do movimento? Acreditamos, nesse sentido, que, se os estudos e propostas da Educação Física não se aproximarem do cotidiano, do chão da escola, e continuarem a pensar nos professores como meros cumpridores

de projetos, nunca passarão de idealizações. Não é intenção nossa assinalar responsáveis, tampouco proferir que os professores são culpados por desconhecerem os ideais renovadores. Vários fatores podem influenciar esse distanciamento, como a cultura ou “não cultura” da leitura, o sistema educacional e a falta de uma formação continuada nas políticas de capacitação docente.

Comparação com dados obtidos em pesquisas anteriores

Este bloco trata da comparação dos resultados da presente pesquisa com os dados das duas pesquisas anteriormente citadas nesse trabalho (MUNIZ, 1996; MILLEN NETO, 2003). Tal comparação está disposta a partir dos mesmos blocos analisados anteriormente: 1. experiências de vida relacionadas à Educação Física; e 2. influências dos fundamentos identificados com o PPREF. No bloco 1, analisamos o processo de formação profissional desses professores, desde a opção pela carreira até seu engajamento profissional. No bloco 2, analisamos as influências da referida obra nos objetivos e na estruturação das aulas dos professores de Educação Física.

O processo de formação profissional

Analisando os elementos discursivos da presente pesquisa, verificamos que os professores entrevistados não apresentaram indícios concretos de influências dos ideais renovadores da Educação Física; nenhum contato, seja por meio de livros, cursos, seja por intermédio de professores que viessem a comungar dos pressupostos renovadores. O estudo impetrado por Millen Neto (2003) acenou para um panorama diferente, no qual alguns entrevistados tiveram contato com ideias renovadoras; já Muniz (1996) apontou influências humanistas em apenas dois entrevistados.

Objetivo das aulas de Educação Física

Na presente investigação não foram identificados traços de abordagens renovadoras. Apenas um entrevistado apresentou marcas da abordagem humanista, ainda que de forma inconsciente, não demonstrando nenhum conhecimento sólido a respeito da obra de Oliveira (1985). Os professores aqui citados objetivam e estruturam suas aulas inspirados em alguns códigos do esporte de alto rendimento. Contudo, essa inspiração se dá num processo inconsciente, não intencional. Millen Neto (2003) notou associações temáticas com as primeiras vertentes do PPREF, nada muito distante do que se verificou na presente pesquisa, assim como Muniz (1996), indicando que a maioria dos professores por ela entrevistados não demonstram marcas identificadas com o PPREF.

A estruturação das aulas de Educação Física

Em relação ao processo de estruturação de suas aulas percebemos, no depoimento de três entrevistados, uma forma híbrida (uma mescla de tendência tradicional e renovadora), com a estrutura de suas aulas baseadas em um modelo tradicional, mas com momentos em que os conteúdos são trabalhados de uma forma humanista. Na maioria dos depoimentos, foram constatadas influências de formas tradicionalistas de sistematizar as aulas, aquelas que são organizadas em três partes: aquecimento/alongamento, desenvolvimento do conteúdo e volta à calma. Em 2003, Millen Neto verificou que três professores demonstraram influências de uma Educação Física construtivista. Muniz (1996) relatou que a maioria dos depoimentos dos professores não evidenciava de forma segura as marcas que orientam a concepção didático-pedagógica identificada com o PPREF.

O professor e sua relação com o PPREF

Os indícios revelam que não houve uma apropriação planejada e intencional dos pressupostos renovadores. A maior parte dos professores entrevistados não demonstrou apropriação de qualquer leitura sobre

o assunto. Apenas dois entrevistados indicaram leituras do PPREF, e apenas um demonstrou conhecer, ainda que superficialmente, os princípios do PPREF. Os dados de Muniz (1996) foram mais marcantes no que se refere ao distanciamento dos princípios supracitados, apontando que poderia ser ainda por falta de interesse, de condições, divergência de ideias ou ainda por dificuldades de operacionalização. Millen Neto (2003) verificou que os professores conseguiam entender que o princípio do PPREF situa-se na crítica à Educação Física tradicional, voltada para a manutenção da saúde e dando ênfase aos códigos do esporte de alto rendimento. Entretanto, não apresentam consistência ao comentarem a pedagogia crítica da Educação Física. Apenas na fala de um professor encontraram-se elementos que indica uma familiaridade maior com essas ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos apontar que os professores investigados revelaram, em seus relatos, poucos elementos que pudessem demonstrar conhecimentos sobre os pressupostos conceituais do PPREF, tampouco influências desse movimento no cotidiano de suas intervenções pedagógicas. A maior parte dos professores entrevistados não possui conhecimento sobre o PPREF. Apenas dois entrevistados indicaram alguma leitura afim. E apenas um deles demonstrou conhecer, ainda que superficialmente, seus princípios. Um outro entrevistado demonstrou não ter nenhuma leitura do PPREF, porém, ao falar dos objetivos e da estruturação de suas aulas, transpareceu vestígios da abordagem humanista. Há de salientar a dificuldade dos professores em relatar os objetivos de suas aulas.

Um dado relevante deste trabalho, que não pode ser deixado de lado, é o período em que a maioria dos entrevistados se formou – entre 1975 e 1980 –, época em que ainda se esboçavam as primeiras vertentes do PPREF. Portanto, era de esperar que durante a formação profissional desses professores não houvesse contato com as tais concepções teóricas. Por outra via de análise, independentemente do tempo de formação, os dados apontam que não existe formação continuada.

Percebemos ainda que alguns entrevistados declararam não conhecer o PPREF; outros disseram conhecer e acham que é bom e válido, mesmo não tendo transparecido isso em seus discursos. O que se tem de concreto, ao analisar esses discursos, é uma inconsciência teórica que resulta em intervenções em grande parte sem objetivos claramente definidos. A relação do PPREF com os professores de Educação Física é exígua. Por si só, esse distanciamento não apresenta problemas, mas o fato de os professores não conseguirem estabelecer um discernimento entre as características das diferentes tendências que constituem o campo acadêmico de sua profissão é um dado a ser considerado.

Ao compararmos os dados desta pesquisa com dados de estudos anteriores (MUNIZ, 1996; MILLEN NETO, 2003), podemos perceber que os dados do presente estudo não demonstram uma apropriação mais expressiva em relação à assimilação dos ideais pedagógicos renovadores da Educação Física. Muniz (1996) averiguou que parte dos professores por ela entrevistados havia se apropriado de algumas referências renovadoras produzidas no início da década de 1980. Já Millen Neto (2003) obteve resultados mais consistentes no que se refere ao grau de apropriação do PPREF pelos professores. Como a pesquisa de Millen Neto (2003) é mais recente e foi realizada em uma cidade mais próxima, da mesma região, as comparações com os resultados desse estudo são mais interessantes. Nesse sentido, os dados de Millen Neto (2003) inferiram que metade dos professores entrevistados teve algum tipo de contato com as ideias renovadoras em seu processo de formação profissional. Um dado bem otimista, quando comparamos com os dados coletados em nossa pesquisa, os quais revelaram um desconhecimento dos pressupostos básicos do PPREF. Contudo, temos de considerar três aspectos nesses três trabalhos: 1. o presente trabalho e o trabalho de Muniz (1996) foram realizados na rede estadual de ensino e a pesquisa de Millen Neto (2003) se deu na rede municipal; 2. foram três pesquisas em três localidades diferentes – Niterói, Pinheiral e Barra Mansa; e 3. dos sete professores

entrevistados, cinco declararam terem se formado entre 1975 e 1980. Desses cinco, alguns disseram estar em ritmo de aposentadoria, por isso não se atualizam. Fato que pode justificar o desconhecimento das teorias renovadoras. Em contrapartida, os entrevistados da pesquisa de Millen Neto (2003) se formaram, em média, por volta do ano 2000. Isso pode explicar o porquê de uma pesquisa publicada em 2010 apresentar um maior distanciamento, em relação à apropriação dos ideais renovadores por parte dos professores, do que uma pesquisa de 2003. Seria relevante para estudos posteriores verificar a influência do PPREF no discurso de professores formados mais recentemente, e ver se o discurso desses professores é diferente.

PEDAGOGICAL THINKING RENOVATION OF PHYSICAL EDUCATION IN SPEECH OF BASIC EDUCATION TEACHERS

Abstract: The article aims to verify the ownership that teachers of Rio de Janeiro State Education Secretary have about the Pedagogical Thinking Renovation of Physical Education. To this end, we conducted a descriptive research with qualitative characteristics. Data collection was carried out through semi-structured interviews with seven state school teachers of the city of Barra Mansa (RJ). The thematic analysis of reports, compared with data from other studies, allows us to the following considerations: the teachers did not provide in their speeches elements that could demonstrate appropriations of the renovation referential; the central content of their lessons is the sport, following the model of high-yield; compared to similar searches from previous periods, the data has not pointed to an ownership more expressive of pedagogical ideals toward renewal.

Keywords: physical education; pedagogical tendencies; public policies.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, E. S.; SHIGUNOV, V. O agir pedagógico dos professores de Educação Física no Ensino Técnico Federal do Rio Grande do Sul. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 1, n. 13, p. 129-139, 2002.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática de Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Ijuí, 1994.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da Educação Física. Campinas: Papyrus, 1983.
- MILLEN NETO, A. R. Perspectivas do pensamento pedagógico renovador da Educação Física Brasileira nas políticas públicas e na prática docente do município de Pinheiral. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11., 2003, Caxambu. **Anais...**
- MUNIZ, N. L. **Influências do pensamento pedagógico renovador da Educação Física**: sonho ou realidade? 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1996.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O campo da pesquisa qualitativa e o método de explicitação do discurso subjacente. **Psicologia**: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 65-73, 2007.

OLIVEIRA, V. M. **Educação Física humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

RESENDE, H. G. **A Educação Física na perspectiva da cultura corporal**: uma proposição didático-pedagógica. 1992. Tese (Livre-Docência)–Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1992.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. et al. **Educação Física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Edusp, 1988.

Contato

Alvaro Millen Neto
Rua Manoel Vitorino, 553, Piedade
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP 20740-900
Email: amillen@gmail.com

Tramitação

Recebido em 3 de julho de 2010
Aceito em 13 de julho de 2011